

ARTIGO

POUPAR PARA CRESCER

Felipe Alencar Costa

Após ter registrado um dos índices de crescimento mais elevados do mundo, a partir do final do século 19, a economia brasileira teve fraco desempenho nas duas últimas décadas do século 20. A retomada do crescimento econômico sustentado dependerá da capacidade do Brasil de autofinanciar seu desenvolvimento. Os anos 80 foram marcados pelo esgotamento do modelo de industrialização baseado na atração de capitais externos. No início da década, o aumento dos juros internacionais provocou a crise da dívida e o fim do ciclo de crescimento a taxas elevadas.

A inflação acelerou-se e o país foi obrigado a declarar moratória no pagamento de sua dívida externa em 1987. Vários planos de combate à inflação foram tentados, sem sucesso duradouro. Em meados da década de 90, a inflação foi, finalmente, controlada com a adoção do Plano Real. No entanto, a política de juros elevados, necessária à manutenção da âncora cambial, provocou uma explosão da dívida interna e a falência de empresas.

A política de juros altos provocou considerável transferência de recursos do setor produtivo para o setor financeiro: enquanto parte do setor industrial e grandes redes varejistas entravam em bancarrota, o setor bancário registrava lucros recordes. No início de 1999, a política de câmbio fixo tornou-se insustentável. A especulação contra a moeda brasileira provocou a desvalorização do real. Com o fim da âncora cambial, temia-se o retorno da inflação. A desvalorização do real, no entanto, foi bem sucedida. É verdade que o país não atingiu o expressivo excedente comercial previsto no início do ano.

Em contrapartida, não houve explosão da inflação, que fechou o ano em aproximadamente 8,5%. Com o fim da âncora cambial, a política de juros elevados foi abandonada; hoje, os juros reais situam-se em 10,5%. Com a desvalorização, a indústria teve enormes ganhos de competitividade. Todos esses fatores apontam para uma forte retomada do crescimento da economia brasileira, a partir deste ano.

No entanto, para manter índices de crescimento elevados durante um período longo é necessário que o país aumente sua capacidade de gerar poupança interna. O segredo do sucesso dos chamados Tigres Asiáticos, do Japão e da China encontra-se no fomento de indústrias exportadoras, possibilitado por altas taxas de poupança interna. A dependência do Brasil com relação à poupança externa reflete sua incapacidade de gerar poupança interna. Para que o Brasil possa sustentar um crescimento econômico de 7% ao ano, é necessário que aumente de 17% para 30% do PIB sua taxa de poupança interna. Só assim poderá fazer os investimentos necessários para garantir um longo período de crescimento não-inflacionário da economia.

O último quartel do século 20 mostrou os limites da política de desenvolvimento baseada na atração de capitais externos. O crescimento autônomo e sustentado da economia brasileira, assim como a reversão do atual quadro de desnacionalização do varejo, da indústria e do setor financeiro dependerão da capacidade do Brasil de gerar poupança interna.

■ Analista de relações internacionais e especialista em comércio e economia internacionais